

Perguntas confirmativas em diálogos adulto-criança: pistas entoacionais

Ana Isabel Mata & Ana Lúcia Santos

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / CLUL

Abstract

We identify intonation cues that disambiguate confirmation-seeking questions in adult-child dialogues in European Portuguese. Results show that (i) most confirmation-seeking questions (92.7%) do not present the intonation pattern commonly associated with information-seeking questions; (ii) pitch accent type and F0 height of both nuclear pitch accents and final boundary tones is determined by pragmatic/discourse values of confirmation-seeking questions; (iii) L*+H and ^H*, previously associated with narrow/contrastive focus in questions or with correction contexts, are associated with non-neutral acceptance. We suggest that non-neutral acceptance is an instance of Contrast, Contrast being coded across different contexts and structures by the same pitch accents.

Keywords/Palavras-chave: intonation, confirmation-seeking questions, child-directed speech, Contrast / entoação, interrogativas confirmativas, discurso dirigido a crianças, Contraste.

1. Introdução

As interrogativas, como se sabe, podem ter diferentes valores pragmáticos. Interessam-nos, neste artigo, as interrogativas que funcionam como pedidos de confirmação, de acordo com critérios que definiremos. Centrar-nos-emos, em particular, na caracterização prosódica deste tipo de interrogativas, tendo em conta a variedade de funções pragmáticas que as interrogativas confirmativas podem desempenhar no diálogo.

1.1. Interrogativas globais como pedidos de confirmação

As interrogativas globais podem funcionar como pedidos de confirmação, como no exemplo em (1). Neste caso, dispomos do contexto discursivo como pista para a identificação da interrogativa como confirmativa. Uma questão que se levanta é a de saber até que ponto poderemos também contar com pistas entoacionais para a identificação deste tipo de interrogativas.

(1)

C(riANÇA): O patinho tem um amigo.

A(dulto): O patinho tem um amigo?

C(riANÇA): a. Sim. – Resposta SIM

b. É. – Resposta SER

c. Tem. – Resposta verbal

Na verdade, o problema é ainda mais complexo, na medida em que a interrogativa confirmativa em (1) pode ter dois tipos de interpretação: uma interpretação que chamaremos de “confirmação da compreensão” e uma outra interpretação que chamaremos de “confirmação da percepção”. No caso da leitura de “compreensão”, o falante pretende confirmar alguma coisa *sobre* o patinho (i.e. “é verdade sobre o patinho que ele tem um amigo?”); no caso da leitura de “percepção”, o falante pretende confirmar o que foi dito (“é verdade que foi dito que o patinho tem um amigo?”). Tentando clarificar melhor a distinção, podemos dizer que, no caso das interrogativas de “confirmação da compreensão”, a interrogativa centra-se no significado de um enunciado que a precede; no caso de interrogativas de “confirmação da percepção”, o que está em causa é a descodificação do sinal e, portanto, a confirmação do que foi pronunciado.

Os padrões de resposta afirmativa disponíveis são, na realidade, diferentes para cada uma destas interpretações: no caso de uma confirmativa de “compreensão”, qualquer das respostas apresentadas no exemplo será possível. Contudo, se o interlocutor interpretar a interrogativa como uma confirmativa de “percepção”, não usará a resposta verbal, i.e. a resposta que corresponde ao verbo realizado numa estrutura de elipse de VP ou de objecto nulo. No caso da interpretação de “percepção”, uma resposta verbal é sentida pelos falantes como fazendo uma asserção irrelevante no contexto (veja-se, a este respeito, Santos 2003, 2006 / 2009).

1.2. Entoação e identificação da função pragmática das interrogativas

Viana et al. (2007), baseando-se em dados do corpus CORAL (corpus de diálogo falado de tipo Map-Task), sugeriram já que a entoação em Português Europeu pode funcionar como pista para a identificação de interrogativas confirmativas (%L H* H%), distinguindo-as de interrogativas que solicitam informação (H+L* LH%), como os exemplos das figuras 1 e 2 ilustram. No entanto, não há qualquer trabalho sobre o Português Europeu que prove uma associação entre padrões entoacionais e subtipos pragmático-discursivos de interrogativas confirmativas (nomeadamente, o contraste “confirmação da compreensão” / “confirmação da percepção”). Um resultado desse tipo iria, na verdade, no sentido de resultados obtidos em trabalhos sobre interrogativas noutras línguas.

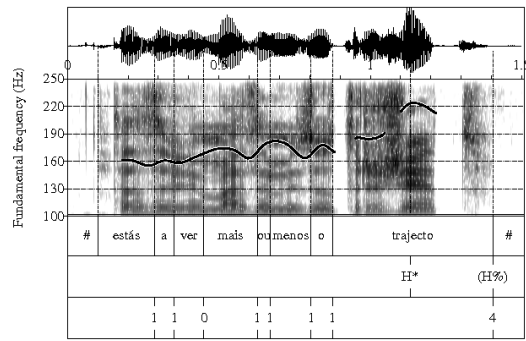


Figura 1: H* (H%) numa interrogativa confirmativa (adaptado de Viana et al. 2007).

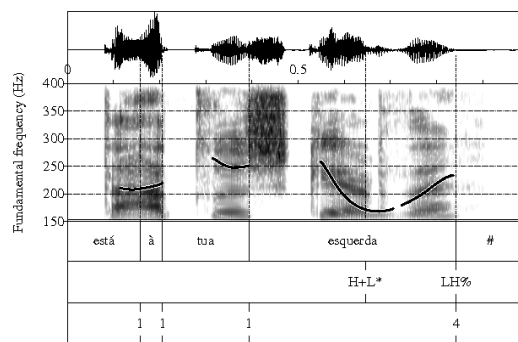


Figura 2: H+L* LH% numa interrogativa que solicita informação (adaptado de Viana et al. 2007).

De facto, trabalhos recentes sobre línguas como o Inglês, o Alemão, o Italiano ou o Sueco mostraram já que a entoação é uma pista relevante para a identificação de diferentes valores pragmático-discursivos das interrogativas (i.e. há variação entoacional de acordo com a função da pergunta).

Como veremos na secção 2.2, não há, na bibliografia sobre o tema, homogeneidade na classificação pragmático-discursiva das interrogativas. No entanto, são vários os trabalhos que apontam para correlações relevantes entre entoação e alguns dos subtipos pragmático-discursivos que considerámos. Em particular, quer Grice & Savino (1997), para o Italiano, quer Grice et al. (1995), para o Alemão, o Italiano e o Búlgaro, mostraram já que subtipos de pedidos de confirmação pragmaticamente diferentes influenciam a distribuição de contornos ascendentes/descendentes ou de tipos de acento tonal. Outro trabalho, o de Rodríguez & Schlangen (2004), para o Alemão, centra-se no

que define serem pedidos de clarificação (voltaremos, na próxima secção, à distinção entre pedidos de confirmação e pedidos de clarificação) e mostra que o tipo de clarificação pretendida influencia a distribuição de tons fronteira ascendentes/descendentes; por seu lado, Edlund, House & Skantze (2005), trabalhando sobre o Sueco, afirmam que a localização do pico de F0 mais alto desambigua entre perguntas que solicitam clarificação de percepção e perguntas que solicitam clarificação de compreensão. Finalmente, num trabalho para o Inglês sobre perguntas que solicitam confirmação, clarificação ou informação, Venditti, Hirschberg & Liscombe (2006) defendem que o nível de F0 (em acentos nucleares e tons fronteira) varia de acordo com a função das perguntas (informação > clarificação > confirmação) e com o tipo de clarificação pretendida (acústica/perceptiva > compreensão > ... > intenção).

Neste artigo, mostraremos que em Português Europeu (i) as interrogativas confirmativas exibem, predominantemente, padrões entoacionais diferentes do contorno canónico identificado para as interrogativas que correspondem a pedidos de informação; (ii) os mecanismos de desambiguação da interpretação dos diferentes tipos de confirmativas incluem o tipo de acento tonal e o nível de F0 em que se inscrevem os contornos entoacionais – nomeadamente na distinção de confirmação da percepção vs. da compreensão; (iii) a distribuição de acentos tonais entre os diferentes subtipos de interrogativas confirmativas interpretadas como de compreensão é uma pista para a identificação de diferentes valores discursivos / pragmáticos, que são determinados por diferentes graus de aceitação / contraste.

2. Metodologia

2.1. Selecção do *corpus*

Para este trabalho, seleccionámos e codificámos um *subcorpus* extraído do corpus de fala dirigida a crianças de Santos (2006/2009). Tratando-se de um *corpus* de interacção espontânea adulto-criança, este apresenta uma grande variedade de problemas de comunicação capazes de justificar a ocorrência de vários tipos de pedido de confirmação. O *subcorpus* analisado inclui 23h de diálogo entre três adultos e duas crianças (1;7.6 a 2;6.19 e 1;6.18 a 2;8.9), tendo sido seleccionadas para análise todas as interrogativas confirmativas a que as crianças efectivamente responderam. Tendo sido excluídas, posteriormente, algumas interrogativas que não estavam em condições de serem analisadas devido à ocorrência de ruídos e/ou sobreposições, foram analisadas 307 interrogativas confirmativas. Seis dessas interrogativas são, na verdade, interrogativas Qu- que esperam respostas sim/não e que são interpretadas como interrogativas globais (pedindo confirmação de percepção) – veja-se o exemplo em (2). Dado o número reduzido de interrogativas Qu- confirmativas, estas interrogativas não foram incluídas no trabalho aqui apresentado.

- (2)
- A: foi o quê?
C: xxx.
A: o quê?
C: <foi quem> [?]?
A: **foi quem?**
C: é.

Assim, este trabalho tem como base a análise de 301 interrogativas, 143 frásicas (número médio de palavras por enunciado: 3; número médio de sílabas: 4,8) e 158 fragmentos, isto é enunciados que não contêm uma forma verbal (número médio de palavras por enunciado: 1,8; número médio de sílabas: 2,8).¹

2.2. Codificação das interrogativas confirmativas

As 301 interrogativas foram analisadas e manualmente codificadas a nível pragmático-discursivo e a nível entoacional. Os dois tipos de codificação foram realizados de forma independente, sendo cada uma das autoras responsável por apenas um tipo de codificação.²

2.2.1. Codificação pragmático-discursiva

A codificação pragmático-discursiva exigiu uma definição prévia das categorias a considerar, sabendo-se que a bibliografia sobre o tema não é de todo consensual na

¹ Os casos de interrogativas confirmativas constituídas apenas por uma forma do verbo *ser* (e.g. *é*), que pode ser entendida como forma gramaticalizada e já não interpretada como forma verbal, foram considerados fragmentos – veja-se o exemplo em (i). Estes casos são semelhantes aos casos de formas do verbo *ser* em respostas SER a interrogativas globais como em (1) no corpo do texto e que não são necessariamente analisados como formas verbais plenas que projectariam um SV (veja-se Santos 2006/2009).

(i) A(dulto): <o que é que> [//] # com que é que tu brincas?

C(riança): +< é e(s)ta!

A: com essa?

C: sim.

A: **é?**

C: é.

² A segunda autora fez a codificação pragmático-discursiva, tendo em conta o contexto discursivo e ouvindo os enunciados. Obviamente, o contorno entoacional das perguntas, que foi objecto de uma categorização independente pela primeira autora, não poderia ser excluído como fonte de informação para a categorização pragmático-discursiva. Pretendeu-se com esta codificação estabelecer a interpretação que um ouvinte numa situação natural daria a cada uma das interrogativas. Não sendo a autora responsável por esta codificação especialista em prosódia, exclui-se qualquer enviesamento da classificação eventualmente devido a um conhecimento prévio das categorias entoacionais relevantes.

definição de funções pragmáticas das interrogativas (veja-se, a este propósito, a discussão em Liscombe, Venditti & Hirschberg, submetido).

O primeiro problema diz respeito à própria definição de interrogativa confirmativa e, em particular, à distinção entre interrogativa confirmativa e interrogativa de clarificação: na verdade, alguns dos trabalhos referidos em 1.2, embora assumam centrar-se em interrogativas de clarificação ou em interrogativas confirmativas, não apresentam uma definição clara da distinção entre esses dois tipos de interrogativas (veja-se, como exemplo, Rodríguez & Schlangen 2004, Edlund, House & Skantze 2005). Assim, procurando uma definição clara das categorias, utilizámos a distinção proposta por Prévot (2004), limitando o nosso trabalho a casos de interrogativas confirmativas e excluindo interrogativas de clarificação. De acordo com Prévot (2004), as interrogativas de clarificação solicitam informação mais precisa ou justificação (como em 3); as interrogativas confirmativas indicam que o falante faz uma assumpção sobre a resposta à pergunta mas deseja uma confirmação (como em 4).

(3) A: Devias ir pela Rua Nova do Alecrim.

B: Rua Nova do Alecrim? [interpretação: não conheço essa rua, podes explicar melhor onde fica?]

(4) A: Vira à direita.

B: À direita? [interpretação: disseste ou quiseste dizer “à direita”?]

Foram assim identificadas no *corpus* todas as interrogativas confirmativas respondidas pelas crianças. Essas interrogativas foram codificadas de acordo com três “níveis de acção” (definindo a origem do problema que justifica o pedido de confirmação): contacto (*contact*), percepção (*perception*) e compreensão (*understanding*) (Clark 1996, veja-se também a classificação da origem do problema em pedidos de clarificação em Rodríguez & Schlangen 2004 e Venditti, Hirschberg & Liscombe 2006). Tal como já dissemos na secção 1.1., no caso dos pedidos de confirmação codificados como de “compreensão”, a interrogativa centra-se no significado de um enunciado que a precede; no caso de pedidos de confirmação codificados como de “percepção”, o que está em causa é a descodificação do sinal e, portanto, a confirmação do que foi pronunciado. Finalmente, codificámos como confirmativas de “contacto” aquelas interrogativas que, formalmente, são pedidos de confirmação que efectivamente retomam um enunciado anterior mas que, na verdade, não resultam de um verdadeiro problema de comunicação: o falante produz o pedido de confirmação parecendo desejar apenas a manutenção da interacção.

A observação dos dados e da literatura relevante revelou ainda ser necessário um segundo nível de codificação. Assim, as confirmativas de “compreensão” foram codificadas de acordo com o nível de *aceitação* (um outro nível de acção, Clark 1996), distinguindo-se aceitação neutra / não neutra. Na aceitação não neutra, incluíram-se casos em que a interrogativa é interpretada como sugerindo incorrecção, incredulidade ou surpresa). Por seu lado, as confirmativas de “percepção” foram codificadas de acordo

com o grau de certeza de que a informação teria sido correctamente percebida (nível alto ou baixo de confiança) – veja-se uma classificação deste tipo em Grice et al. (1995).

Podemos sintetizar do seguinte modo o sistema de classificação adoptado:

(5)

Percepção

Grau de certeza: alto / baixo

Compreensão

Aceitação: neutra; não neutra (sugestão de incorrecção; incredulidade; surpresa)

Contacto

2.2.2. Etiquetagem entoacional e medidas de F0

A anotação entoacional do *corpus*³ seguiu o sistema proposto em *Towards a P_ToBI* por Viana et al. 2007 (ver <http://www.ling.ohio-state.edu/~tobi/>). O conjunto de etiquetas utilizadas nesta tarefa integra 7 dos 8 acentos tonais (H+L*, H*+L, L*+H, L+H*, H*, L*, ^H*) e todos os tons de fronteira final (L%, H%, !H%, LH%, HL%) que fazem parte daquela proposta (representados esquematicamente na figura 3).

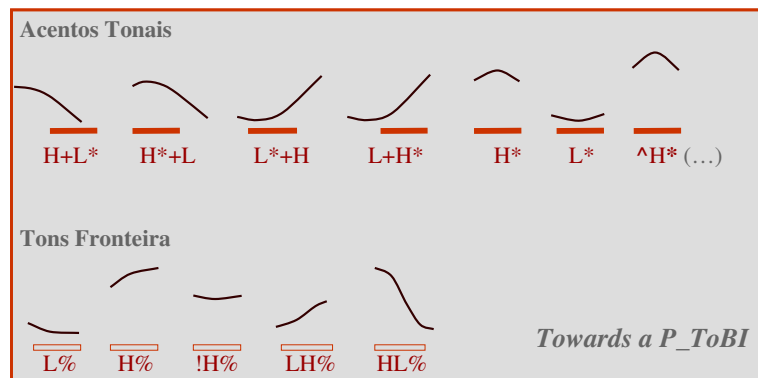


Figura 3: Esquematização de contornos de F0 para acentos tonais e tons fronteira usados, seguindo *Towards a P_ToBI*. As linhas — indicam a sílaba acentuada.

Procedeu-se, em seguida, à medição dos valores de F0 correspondentes a alvos H e L em acentos tonais nucleares e tons de fronteira final e à conversão desses valores numa escala logarítmica em semitons. No caso dos acentos tonais, o valor máximo de F0 (H) e o valor mínimo de F0 (L) foram medidos no interior (ou na vizinhança

³ As 301 interrogativas foram analisadas auditiva e visualmente com o programa WaveSurfer, versão 1.8.5 (<http://www.speech.kth.se/wavesurfer/>)

imediate) da sílaba tónica da palavra acentuada. No caso dos tons de fronteira, retiraram-se medidas idênticas de máximos e mínimos de F0 no limite da fronteira direita da interrogativa. Procedeu-se, ainda, ao cálculo da diferença entre valores máximos e mínimos de F0 (amplitude da variação de F0) tanto para acentos tonais como para tons de fronteira.

3. Resultados

3.1. Acentos tonais nucleares

A distribuição de acentos nucleares por subtipos de interrogativas confirmativas constitui um primeiro conjunto de resultados relevantes, como se pode ver no quadro 1 a seguir.

	H*	L*+H	L+H*	H+L*	L*	^H*	H*+L	N (%)
Compreensão	11	54	22	16	11	15	7	136 (45,2)
Percepção	56	13	35	11	7	0	1	123 (40,9)
Contacto	1	5	11	11	14	0	0	42 (14)
N (%)	68 (22,6)	72 (23,9)	68 (22,6)	38 (12,6)	32 (10,6)	15 (5)	8 (2,7)	301 (100)

Quadro 1. Distribuição de acentos nucleares por subtipos de interrogativas confirmativas

Estes resultados permitem dois tipos de generalização, um dizendo respeito à comparação entre interrogativas confirmativas e não confirmativas, outro dizendo respeito à associação entre acentos tonais e funções pragmático-discursivas das interrogativas confirmativas.

Em primeiro lugar, muito embora haja um vasto consenso quanto ao contorno característico das interrogativas de sim-não que funcionam como pedidos de informação em PE (H+L* LH%) (veja-se Frota 2002 para uma revisão; Viana et al. 2007 para exemplos de leitura oral e de fala espontânea), apenas 7,3% das interrogativas confirmativas analisadas ocorrem com este padrão e apenas 12,6% dos 301 exemplos apresentam um H+L* (o acento nuclear mais comum em interrogativas que solicitam informação em PE). Estes resultados constituem, assim, uma clara evidência de uma distinção entre padrões entoacionais de interrogativas de sim-não que solicitam informação e padrões entoacionais de interrogativas de sim-não que funcionam como pedidos de confirmação – corroborando a distinção sugerida por Viana et al. 2007.

Em segundo lugar, as interrogativas confirmativas não se associam a um padrão entoacional único. Porém, como o quadro 1 põe em destaque, existe uma correlação entre acentos tonais e funções pragmático-discursivas neste tipo de perguntas ($\chi^2(12)=134.95$, $p<.0005$): H* e L+H* ocorrem maioritariamente em perguntas confirmativas codificadas como de ‘percepção’; L*+H ocorre fundamentalmente em perguntas confirmativas codificadas como de ‘compreensão’. Vejam-se as figuras 4 e 5.

Para além da correlação acima identificada, outras correlações podem ainda ser estabelecidas entre a distribuição de acentos tonais e os subtipos pragmáticos de interrogativas confirmativas codificadas como de ‘compreensão’ ou de ‘percepção’.

No caso das confirmativas relacionadas com a ‘compreensão’, existe uma correlação significativa entre nível de aceitação e acento tonal ($\chi^2(6)=44.31$, $p<.0005$). Embora L*+H seja o acento tonal mais frequente, quando se dividem as confirmativas de compreensão de acordo com o nível de aceitação que lhes está associado, L*+H ocorre fundamentalmente em perguntas que expressam um nível de aceitação não neutra (38 dos 54 casos, ou 70,4%, de L*+H em confirmativas de compreensão são casos de aceitação não neutra). Para além disso, L*+H é o acento tonal mais frequente nas confirmativas de compreensão não neutras (38 em 69, ou 55,1%). O outro padrão frequente em casos não neutros é ^H* (15 em 69, ou 21,7%). Veja-se a figura 6. H+L* (o mais comum em interrogativas de sim-não em PE) ocorre sobretudo em confirmativas de compreensão neutras.

(6) (ver Figura 4)

C: é o do João Abíl(io).
A: o do João é o Ablío?⁴
C: é.

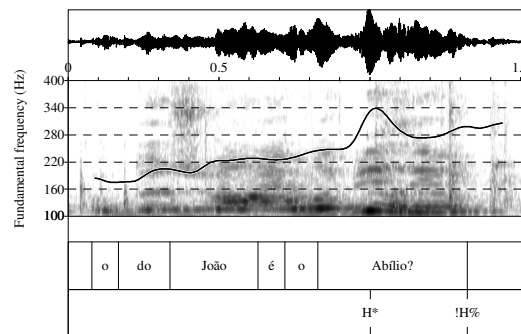


Figura 4: H* !H% numa interrogativa confirmativa codificada como de ‘percepção’ (figura feita com o programa Praat e o script de P. Welby)

⁴ O sublinhado assinala a sílaba tónica da palavra acentuada.

(7) (ver Figura 5)

C: xxx # é dos # animai(s).

A: dos animai[i]s?⁴

C: sim.

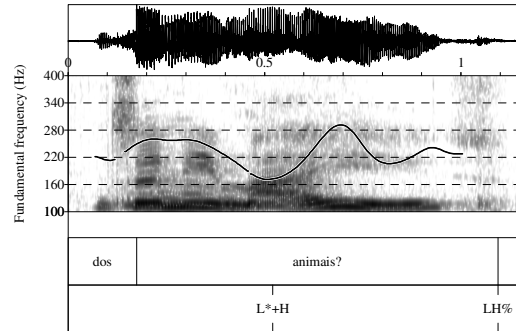


Figura 5: L*+H LH% numa pergunta confirmativa codificada como de 'compreensão' (figura feita com o programa Praat e o script de P. Welby)

(8) (ver Figura 6)

C: tem.

A: tem[í]?

C: tem.

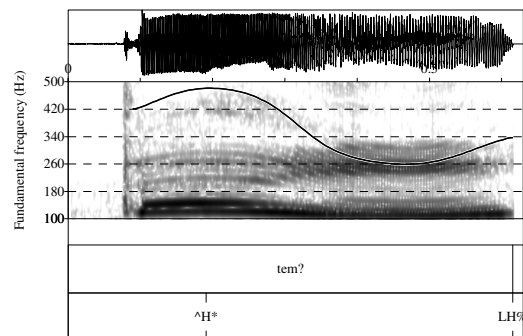


Figura 6: ^H* LH% numa interrogativa confirmativa codificada como de 'compreensão não neutra' (figura feita com o programa Praat e o script de P. Welby)

No caso das afirmativas relacionadas com a ‘percepção’ (ver Quadro 2), a correlação entre subtipos pragmáticos e acentos tonais é também significativa ($\chi^2(5)=24,04, p<.0005$). A maioria destas perguntas apresenta um H* (40 dos 67 exemplos, ou 59,7%) quando lhes está associado um grau de confiança (GC) alto (que consideramos a situação neutra); dos 56 exemplos associados a um nível de confiança baixo (não neutro) relativamente à correção da informação percebida, 26 (46,4%) têm como acento tonal L+H* e 16 (28,6%) um H*.

	H*	L*+H	L+H*	H+L*	L*	^H*	H*+L	N (%)
Percepção GC alto	40	5	9	9	3	0	1	67 (54,5)
Percepção GC baixo	16	8	26	2	4	0	0	56 (45,5)
N (%)	56 (45,5)	13 (10,6)	35 (28,5)	11 (8,9)	7 (5,7)	0	1 (0,8)	123 (100)

Quadro 2. Distribuição de acentos tonais de acordo com graus de confiança em afirmativas relacionadas com a percepção

Quanto às afirmativas de contacto, estas podem apresentar com frequência L* (14 / 33,3%), H+L* (11 / 26,2%) ou L+H* (11 / 26,2%) como acento tonal nuclear. A grande variação encontrada nas afirmativas de contacto bem como nas afirmativas de compreensão neutras parece reflectir a bem conhecida variação de contornos das interrogativas de sim-não comum em fala espontânea (Mata, 1992).

3.2. Tons de fronteira final

Como se pode ver na figura 7, em todos os tipos de pedidos de confirmação analisados predomina um tom de fronteira final não descendente (LH%, H%, !H%). L% ocorre fundamentalmente em pedidos de confirmação codificados como (i) perguntas de compreensão neutras e (ii) perguntas de percepção com grau de confiança alto (neutro).

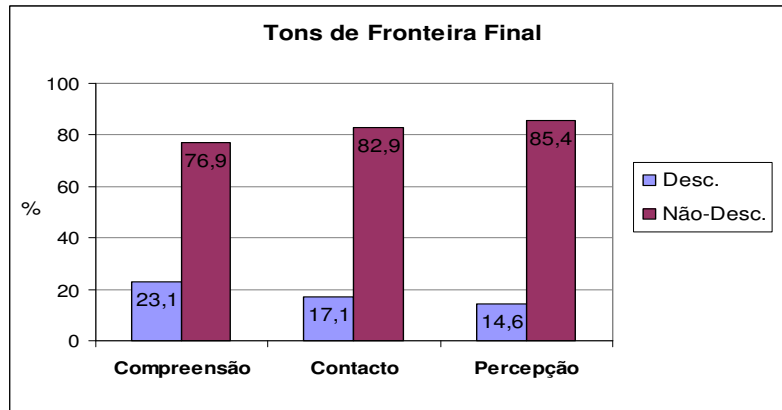


Figura 7: Percentagem de fronteiras descendentes/não-descendentes por tipos de interrogativas confirmativas.

3.3. Níveis de F0

A análise dos valores de F0 em que se inscrevem os movimentos das fronteiras não-descendentes permite verificar que o nível de F0 da fronteira varia de acordo com a função das interrogativas confirmativas: os pedidos de confirmação de compreensão inscrevem-se num nível mais baixo que os de confirmação da percepção e estes num nível mais baixo que as confirmativas de contacto (quer em frases quer em fragmentos). A diferença entre compreensão e percepção é significativa para máx(imo)_Tom Front(eira) (Teste Mann-Whitney, $U= 4569$, $p= .032$) bem como para mín(imo)_Tom Front(eira) (Teste Mann-Whitney, $U= 2807.5$, $p< .0005$). Veja-se a figura 8.

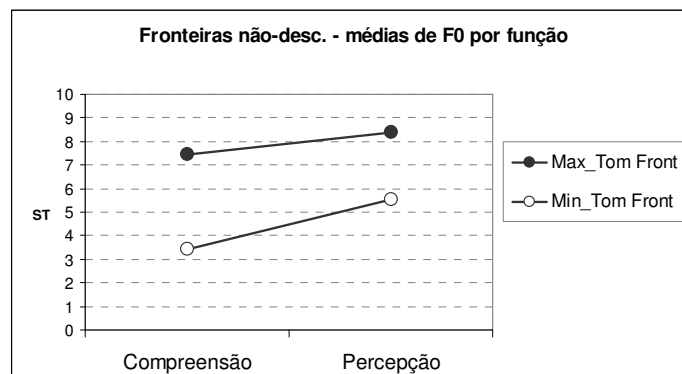


Figura 8: Médias de F0 em fronteiras não-descendentes por subtipos de interrogativas confirmativas

A amplitude da variação de F0 das fronteiras não-descendentes também varia de acordo com a função: percepção < compreensão < contacto (para percepção vs. compreensão Teste Mann-Whitney, $U= 3862.5$, $p = .006$).

Relativamente aos valores de F0 em que se inscrevem os acentos tonais nucleares, em contornos não-descendentes, o nível de F0 de alvos H e L varia de acordo com a função das interrogativas: as afirmativas de contacto são mais baixas que as de compreensão e estas são mais baixas que as de percepção. A diferença entre compreensão e percepção é significativa para Mín(imo)_Ac(ento) Ton(al) (Teste Mann-Whitney, $U= 3800$, $p < .0005$), embora não para Máx(imo)_Ac(ento) Ton(al). Veja-se a figura 9.

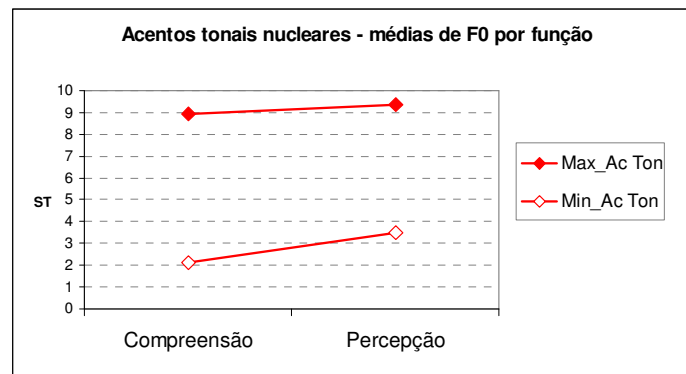


Figura 9: Médias de F0 em acentos nucleares por subtipos de interrogativas afirmativas.

Estes resultados sugerem, por conseguinte, que as interrogativas de sim-não relacionadas com a confirmação da percepção são realizadas num nível de registo mais elevado que as relacionadas com a confirmação da compreensão, o que é consistente com os resultados obtidos para o Inglês por Venditti, Hirschberg & Liscombe (2006).

4. Discussão de resultados e conclusões

Antes de passar à discussão dos resultados deste trabalho, importa considerar o estatuto destes resultados, uma vez que se baseiam na análise de fala dirigida a crianças.

Sabe-se que a fala dirigida a crianças pode distanciar-se da fala dirigida a adultos sobretudo de duas formas: pela marcação exagerada de contrastes (nomeadamente, prosódicos) que existem na fala entre adultos (veja-se Fernald & Simon, 1984 e, para uma revisão recente, Payne et al., 2010) ou pela supressão do recurso a determinadas estruturas (nomeadamente, sintáticas) em fases precoces do desenvolvimento linguístico das crianças (veja-se Evers-Vermeul, 2005 sobre o Holandês e Costa et al., 2008 para o Português). Aquilo que não se espera, se a fala dirigida a crianças é parte do

input que condiciona a aquisição da língua-alvo, é que este tipo de registo use padrões fonológicos (ou estruturas sintáticas) inexistentes na fala entre adultos. De facto, só muito marginalmente esse tipo de diferença tem sido notado (para a discussão de um possível caso, veja-se Hyams, no prelo). Assim, é legítimo esperar que os diferentes acentos tonais que ocorrem associados a diferentes valores pragmáticos no nosso *corpus* possam ter valores semelhantes na fala entre adultos; é ainda legítimo esperar que os contrastes fonéticos observados entre interrogativas confirmativas de compreensão e de percepção sejam relevantes na fala entre adultos (podendo estes contrastes ser eventualmente menos marcados).⁵

Passemos então à discussão dos resultados. O resultado mais geral a destacar diz respeito à variedade de padrões entoacionais que se podem encontrar associados a interrogativas confirmativas: no *corpus* de fala espontânea analisado, as interrogativas confirmativas não se encontram associadas a um padrão entoacional único. Este não é, contudo, um indicador de assystematicidade: por um lado, mostrámos que os padrões entoacionais tipicamente associados a interrogativas confirmativas se distinguem do que tem sido identificado como o padrão entoacional característico de interrogativas que são pedidos de informação; por outro lado, a distribuição dos diferentes padrões entoacionais encontrados nas interrogativas confirmativas correlaciona-se directamente com subtipos pragmático-discursivos, justificando a relevância desse tipo de codificação (secção 2.2.1), mesmo se as correlações encontradas não nos permitem falar de univocidade entre acento tonal e valor pragmático.

No que diz respeito às correlações encontradas entre padrões entoacionais e subtipos pragmático-discursivos de interrogativas confirmativas, devemos salientar dois tipos de resultados: (i) a diferença entre padrões entoacionais associados a interrogativas confirmativas de “compreensão” e a interrogativas confirmativas de “percepção”; (ii) restringindo-nos apenas ao subconjunto das confirmativas de “compreensão”, a diferença entre os padrões entoacionais associados a interrogativas classificadas como de aceitação neutra e não neutra (i.e. negativa).

De facto, as interrogativas confirmativas de “compreensão” e de “percepção” correlacionam-se com diferentes tipos de acento tonal e níveis de F0. Os tons H* e L+H* ocorrem principalmente em confirmativas de “percepção”; L*+H ocorre principalmente em confirmativas de “compreensão”. Além disso, e no que diz respeito ao nível de F0 em que se inscrevem, os resultados obtidos indicam que as confirmativas de “percepção” são produzidas num nível de registo mais elevado (acento nuclear e tom fronteira) do que as confirmativas de “compreensão”.

⁵ Em alguns trabalhos, como o de Costa et al. (2008) com base neste mesmo *corpus*, sugeriu-se a existência de efeitos de adaptação do *input* ao estádio em que se encontra a criança: no caso da aquisição de conectores, alguns conectores pareciam não ocorrer no discurso das mães em estádios mais precoces, embora ocorressem mais tardiamente. No caso do presente trabalho, procedeu-se a uma comparação do número de ocorrências dos diferentes acentos tonais em cada tipo de interrogativa confirmativa dirigida às crianças (compreensão, percepção, contacto; aceitação neutra vs. não neutra; grau de certeza alto vs. baixo) antes e depois dos dois anos: a análise não revela diferenças significativas.

Gostaríamos de sugerir que a diferente marcação entoacional de afirmativas de “compreensão” e afirmativas de “percepção” deve ser entendida como estratégia de marcação da interpretação discursiva de cada um destes tipos de interrogativas. Em particular, propomos que a diferente marcação prosódica de cada um destes tipos de interrogativas afirmativas deve ser entendida como estratégia de estabelecimento do tópico-D(iscursivo).

Definindo tópico recorrendo ao conceito de *aboutness* (Reinhart, 1982), podemos facilmente distinguir o tópico-Frásico (*Sentence-topic*) e o tópico-Discursivo (*Discourse-topic*). Se voltarmos ao exemplo (1), repetido aqui como (9), podemos correlacionar a distinção entre tópico-Frásico e tópico-Discursivo com as diferentes interpretações da interrogativa afirmativa. No caso da interpretação da interrogativa afirmativa como de “compreensão” (i.e. “é verdade sobre o patinho que ele tem um amigo?”), podemos tomar “o patinho” como tópico-Frásico e também como tópico-Discursivo; já no caso da interpretação da interrogativa afirmativa como de “percepção”, a interrogativa é interpretada como versando sobre o que foi dito e, neste caso, há uma mudança no tópico-Discursivo. Assim, sugerimos que é o contorno entoacional das afirmativas de “percepção” que codifica essa mudança no tópico-Discursivo, obrigando à interpretação da interrogativa como um pedido de confirmação do material efectivamente produzido no discurso anterior, i.e. um pedido de confirmação sobre o que foi dito (o tópico-Discursivo).

- (9) C(riança): O patinho tem um amigo.
A(dulto): O patinho tem um amigo?
C(riança): a. Sim. / É. / Tem.

Um outro resultado relevante diz respeito à diferença de padrões entoacionais associados a interrogativas de compreensão classificadas como de aceitação neutra ou de aceitação não neutra. Em particular, L^*+H e *H são tons dominantes nas afirmativas de “compreensão” codificadas como expressando aceitação não neutra (negativa). Crucialmente, *H foi associado a contextos de especificação ou correcção de informação dada por Viana et al. (2007) e L^*+H tem sido associado com foco estreito / contrastivo em interrogativas por Frota (2002). Sugerimos que os tons encontrados nas afirmativas que expressam aceitação não neutra (negativa) codificam Contraste e que este tipo de contextos partilha propriedades com contextos de Foco contrastivo / identificacional (Kiss, 1998).⁶ Na verdade, os contextos de correcção identificados por Viana et al. (2007) são contextos contrastivos; os contextos de foco estreito tratados por Frota (2002) têm uma interpretação contrastiva (foco contrastivo). No caso das interrogativas afirmativas de “compreensão” que marcam aceitação não-neutra (negativa), pode igualmente afirmar-se que se trata de contextos contrastivos: a informação nova que é apresentada no discurso, quando aceite, passa a fazer parte do

⁶Veja-se Braun 2004 e referências que aí se encontram: os contextos contrastivos são marcados prosodicamente; os não contrastivos são prosodicamente subespecificados.

Common Ground; no entanto, se o interlocutor não aceita a informação, pode então formular uma interrogativa confirmativa de “compreensão” não neutra, expressando a sua não aceitação da informação, caso em que o ouvinte é obrigado a considerar alternativas.

Assim, é possível sugerir que tons como L*+H e ^H* codificam Contraste, sendo Contraste independente de Foco: Contraste pode ocorrer associado a Foco ou associado a informação dada codificada como “background” (veja-se Steedman, 2000; Braun, 2004) ou ainda associado a Tópico (Büring, 1999; Büring, 2007). Os resultados do trabalho que aqui apresentamos podem, de facto, ser tomados como evidência adicional da independência entre Contraste e Foco e sugerem, em particular, que o mesmo acento tonal que pode ser usado para indicar que um determinado constituinte numa frase é contrastado pode também ser usado para indicar que todo o material numa frase é contrastado. Isto é, um mesmo acento tonal pode indicar contraste de constituinte ou funcionar a um nível hierarquicamente superior. Em conclusão, e de um ponto de vista mais geral, mostrámos neste trabalho que a variação entoacional, em particular o tipo de acento tonal e o nível de F0, desempenham um papel importante na identificação de interrogativas confirmativas e das diferentes funções que estas podem desempenhar no diálogo. Por outro lado, mostrámos que tons específicos podem funcionar em níveis de análise hierarquicamente distintos, nomeadamente, num nível sintáctico-discursivo ou já num nível exclusivamente discursivo.

Referências

- Braun, B. (2004) “Answers to the perception of thematic contrast and questions regarding the perception of thematic ‘non-contrast’”, *Speech Prosody 2004*, Nara.
- Büring, D. (1999) “Topic”, in P. & R. van der Sandt [Eds.] *Focus. Linguistic, Cognitive, and Computational Perspectives*, CUP: 142-165.
- Büring, D., (2007) “Semantics, Intonation and Information Structure”, in G. Ramchand & C. Reiss [Eds.] *The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces*, OUP, Oxford.
- Clark, H. H. (1996) *Using Language*, CUP, Cambridge.
- Costa, A. L., N. Alexandre, A. L. Santos & N. Soares (2008) “Efeitos de modelização no input: o caso da aquisição de conectores”. In S. Frota e A. L. Santos (eds.) *Textos seleccionados do XXIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*.
- Edlund, J., D. House & G. Skantze (2005) “The effects of prosodic features on the interpretation of clarification ellipses”, *Eurospeech 2005*, Lisbon.
- Evers-Vermeul, J. (2005) *The Development of Dutch Connectives: Change and Acquisition as Windows on Form-Function Relations*. Utrecht: LOT.
- Frota, S. (2002) “Nuclear falls and rises in European Portuguese: A phonological analysis of declarative and question intonation”, *Probus* 14: 113-146.
- Grice, M. and M. Savino (1997) “Can pitch accent type convey information status in yes-no questions?”, in K. Alter, H. Pirker & W. Finkler [Eds.], *Proceedings of the*

- ACL97 Workshp on Concept-to-Speech Generation Systems, Universidad Nacional de Educación a Distancia, Madrid.
- Grice, M., R. Benz Müller, M. Savino & B. Andreeva (1995) "The intonation of queries and checks across languages: data from Map Task dialogues", *ICPhS 95*, Stockholm: 648–651.
- Fernald, A. & Simon, T. (1984). Expanded intonation contours in mothers' speech to newborns. *Developmental Psychology*, 20(1), 104-113.
- Hyams, N. (no prelo). Missing subjects in early child language. In J. De Villiers & T. Roeper (eds.), *Handbook of Language Acquisition Theory in Generative Grammar*, Kluwer.
- Kiss, K.. (1998) "Identificational focus versus information focus, Language", *Journal of the Linguistic Society of America*, 74(2): 245-273.
- Liscombe, J., J. J. Venditti & J. Hirschberg (submitted) "Classifying the form and function of student questions in spoken tutorial dialogs".
- Mata, A. I. (1992) *Questões de Entoação e Interrogação em Português. Isso é uma Pergunta?*, MA dissertation, FLUL.
- Payne, E.; Post, B.; Astruc, L.; Prieto, P.; Vanrell, M. M. (2010). "A cross-linguistic study of prosodic lengthening in child directed speech". *Proceedings of Speech Prosody 2010*. Chicago.
- Prévoit, L. (2004) *Structures sémantiques et pragmatiques pour la modélisation de la cohérence dans des dialogues finalisés*. PhD Diss., Université Paul Sabatier, Toulouse III.
- Reinhart, T. (1982) *Pragmatics and Linguistics: An Analysis of Sentence Topics*, Bloomington, Indiana University Linguistics Club.
- Rodríguez, K. J. and D. Schlangen (2004) "Form, intonation and function of clarification requests in German task-oriented spoken dialogues", *SemDial 2004*, Barcelona.
- Santos, A. L. (2003). The acquisition of answers to yes-no questions in European Portuguese: Syntactic, discourse and pragmatic factors. *Journal of Portuguese Linguistics* 2(1): 61–91.
- Santos, A. L. (2006). *Minimal Answers. Ellipsis, syntax and discourse in the acquisition of European Portuguese*. PhD Diss., Universidade de Lisboa [publicado em 2009, John Benjamins]
- Steedman, M. (2000) "Information Structure and the Syntax-Phonology Interface", *Linguistic Inquiry*, 31.4: 649-689.
- Venditti, J. J., J. Hirschberg & J. Liscombe (2006) "Intonational cues to student questions in tutoring dialogs", *Interspeech 2006 - ICSLP*, Pittsburgh, Pennsylvania: 549-552.
- Viana, C., S. Frota, I. Falé, F. Fernandes, I. Mascarenhas, A. I. Mata, H. Moniz & M. Vigário (2007) "Towards a P_ToBI. PAPI2007", *Workshop on the Transcription of Intonation in Ibero-Romance*, Universidade do Minho, Braga.